

## **Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos.**

Zélia Caçador Anastácio<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Minho – Instituto de Educação  
Professora Auxiliar (PhD)  
Campus de Gualtar  
4710-057 Braga – PORTUGAL  
Telefone: (+351) 253 601355  
[zeliaf@ie.uminho.pt](mailto:zeliaf@ie.uminho.pt)

## RESUMO

Para a vivência de uma sexualidade saudável, o desenvolvimento das competências pessoais e sociais requer uma abordagem positiva e centrada no papel do indivíduo enquanto sujeito activo e capaz de gerir os seus projectos de vida, assim como de adoptar estilos de vida saudáveis, quer por influência da educação formal, quer pelas influências relacionais a que está sujeito, nomeadamente da família e dos pares.

Foi objectivo deste trabalho conhecer as percepções de adolescentes sobre: a sua relação com a família (e outros) em matéria de sexualidade; alguns dos seus comportamentos sexuais; alguns dos seus conhecimentos de saúde sexual e reprodutiva.

Aplicou-se um questionário, numa escola, a uma amostra de 188 alunos no final do ensino básico (9º ano de escolaridade), sendo 94 do sexo feminino e 94 do sexo masculino, com média de idades de 14,47 anos. Os dados foram tratados estatisticamente, no programa SPSS.

Os resultados indicaram maior comunicação dos jovens com os pares do que com a família sobre sexualidade; satisfação com o seu relacionamento familiar; vontade de autonomia; baixa percentagem de adolescentes sexualmente activos, dos quais metade se relacionou com alguém da mesma idade e por estar apaixonado e quase todos utilizaram contracepção. Todavia, os adolescentes revelaram fraco conhecimento do período fértil e da ovulação.

**Palavras-chave:** Adolescência, Sexualidade, Educação sexual, Saúde, Comportamentos.

## ABSTRACT

To experience a healthy sexuality the development of personal and social skills require a positive approach focused in the individual's role while an active participant able to coordinate their life projects, as well as able to adopt healthy life styles, either by influence of the formal education or by relational influences that he or she is subjected, namely family and peers.

The goal of this work was to know adolescents' perceptions about: their relationship with family (and others) in terms of sexuality; some of their sexual behaviours; some of their knowledge about sexual and reproductive health.

A questionnaire was applied, in a school, to a sample of 188 students all in the final of the basic school (9<sup>th</sup> school year), being 94 females and 94 males, with age average of 14,47 years old. Data was statistically analysed, in the SPSS program.

Results suggested that adolescents: communicate more with peers than with family about sexuality; express satisfaction with their familiar relationship; want autonomy; have a low percentage of sexual active, having 50% of them had an intercourse with somebody of the same age and because he/she were in love and most of them used contraception. Although, adolescents revealed a seek knowledge about fertile period and ovulation.

**Key-words:** Adolescence, sexuality, sex education, health, behaviours

## INTRODUÇÃO

O conceito de adolescência como etapa distinta do ciclo de vida é relativamente recente e a suas delimitações de início e de fim variam ao longo das gerações e de uma sociedade para outra (Bedin, 2009). A adolescência começou, no início do século XX, por ser caracterizada como uma fase de agitação e tensão por Stanley Hall e Sigmund Freud, embora mais tarde Margaret Mead também tivesse observado uma passagem tranquila quando os papéis sociais se encontravam bem definidos (Sprinthall & Collins, 1999). Actualmente, numa mesma geração e sociedade a adolescência pode ser um período conturbado para uns indivíduos e uma etapa relativamente tranquila para outros, o que depende muitas vezes do contexto sociofamiliar e de factores económicos, educacionais e de saúde que aí interferem (Anastácio, 2001). A adolescência é, por isso, um período da vida que exige ao indivíduo capacidade de adaptação às exigências sociais no momento em que está a sofrer transformações biológicas e psicológicas.

Na tentativa de delimitar a fase da adolescência, as mudanças físicas e biológicas que caracterizam a puberdade têm constituído um referencial para o seu início.

As transformações pubertárias têm origem na estimulação da hipófise pelo hipotálamo e traduzem-se um surto de crescimento que estabiliza quando o indivíduo alcança a capacidade reprodutiva (Sprinthall & Collins, 1999), o que ocorre em média por volta dos 10,5 anos nas raparigas e dos 11,5 anos nos rapazes, podendo durar entre 3 a 4 anos (López & Fuertes, 1999). A preocupação com o entendimento da reprodução por parte dos adolescentes, bem com o seu controlo e planeamento reflecte-se nas abordagens feitas nos manuais escolares de ciências naturais de 2º e 3º ciclo, onde se incluem também alguns conteúdos sobre a contracepção e a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis, o mesmo não se verificando com a fisiologia do desejo sexual e do prazer (Bernard & Clément, 2005; Pelège & Picod, 2006).

Porém, as mesmas alterações hormonais que conduzem à maturidade reprodutiva também desencadeiam alterações emocionais que se traduzem no desejo sexual, sendo este o foco das preocupações e questionamentos dos adolescentes. É por isso necessário conhecer e associar as componentes biológica, psicológica e antropológica da sexualidade a fim de compreender melhor as preocupações, dúvidas e angústias dos jovens, relacionadas com o corpo sexuado e a sua normalidade, o seu potencial sexual e as relações que estabelecem com os outros (Pelège & Picod, 2006).

É no relacionamento com os outros que o adolescente encontra muitas vezes resposta às suas dúvidas sobre sexualidade e desejo sexual. Desta forma, importa compreender como desloca o alvo de interrogações da família para aqueles que lhe proporcionam uma atmosfera mais descontraída e com quem passa a identificar-se – os pares. Gagnon e Simon (1973) esboçaram um percurso sexual para todo o ciclo vital, do qual nos importa salientar que: até à adolescência a família e os amigos ainda têm uma influência predominante; na fase inicial da adolescência, dos 11 aos 15 anos, a família começa a perder domínio e há uma forte identificação com os pares do mesmo sexo l; na fase final da adolescência, dos 15 aos 18 anos, assiste-se a um declínio de todo o tipo de controlo familiar, a uma identificação com os pares do sexo oposto.

A aproximação ao sexo oposto a par da maturação do sistema sexual conduz às primeiras relações amorosas, por vezes acompanhadas das primeiras experiências sexuais. A vivência da sexualidade integra assim uma componente biológica associada ao corpo; uma componente relacional ligada às relações, comunicação e compromissos; uma componente ética e sociocultural que inclui as escolhas e responsabilidades da vida sexual sob influência de valores culturais; e uma componente psicológica que se associa às emoções, sentimentos e atitudes. As emoções relacionam-se com o amor, o qual impele para a satisfação física do impulso sexual. É na procura desta satisfação que os jovens iniciam a sua actividade sexual, havendo uma tendência para a antecipação da idade em que tal ocorre (Reis *et al.*, 2009).

A idade de início da actividade sexual para os portugueses, de acordo com os dados do Global Sex Survey (2005), situa-se, em média, por volta dos 16,9 anos, ou seja na fase final da adolescência.

Assim, se considerarmos a fase intermédia de adolescência como o momento de transição entre as duas fases descritas por Gagnon e Simon, ela ocorre por volta dos 15 anos, o que em Portugal coincide com a idade de final do ensino básico e transição para o ensino secundário. Foi precisamente nesta faixa etária que realizámos a investigação que aqui apresentamos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho teve como objectivos identificar os relacionamentos que os adolescentes mantêm com outros jovens e adultos em matéria de educação da sexualidade; identificar seus comportamentos sexuais e emoções; e identificar seus conhecimentos sobre aspectos biológicos da sexualidade.

Foi aplicado um questionário já validado para a identificação dos relacionamentos entre pais e filhos para a faixa etária da adolescência (Anastácio, 2001). O instrumento era composto por questões fechadas. As questões incidiam sobre as variáveis dependentes: i) *comunicação com várias pessoas sobre temas de sexualidade*, que se operacionalizou com uma escala de Lickert composta por quatro *scores* (1= nunca; 2= raramente; 3= às vezes; 4= muitas vezes); ii) *proximidade com os pais*, cuja escala comportou também quatro *scores* (1= falsa; 2= geralmente falsa; 3= verdadeira; 4= geralmente verdadeira); iii) *conflito com os pais*, com uma escala que incluiu cinco *scores* (1= nunca; 2= raramente; 3= às vezes; 4= muitas vezes; 5= sempre); iv) *tomada de decisão*, com uma escala de sete *scores* (1= Os meus pais decidem sozinhos; 2= Os meus pais decidem depois de discutirmos o caso/situação; 3= Nós decidimos, em conjunto, depois de discutirmos o caso; 4= Eu decido depois de ter discutido o caso com os meus pais; 5= Eu decido sozinho/a; 6= O meu pai decide sozinho; 7= A minha mãe decide sozinha). Para identificação dos comportamentos e emoções introduziu-se uma componente facultativa no questionário, onde se incluíram as questões relativas: i) a *idade de início da actividade sexual*, uma questão aberta; ii) a *idade comparativa do parceiro da primeira relação sexual*, uma questão fechada composta pelas opções de resposta “mais nova”, “da mesma idade” e “mais velha”; iii) o *motivo da primeira relação sexual*, uma questão fechada codificando-se em “sim” ou “não” cada um dos cinco motivos apresentados; iv) o *sentimento experienciado nas relações sexuais*, também uma questão fechada onde se optou-se por colocar três sentimentos positivos e três sentimentos negativos intercalados, constituindo-se uma escala de Lickert composta por cinco *scores* (1= nunca; 2= raramente; 3= às vezes; 4= muitas vezes; 5= sempre); v) o *uso de contracepção*, uma questão mista com as opções “sim” e “não” e com a componente “qual?” para quem assinalasse a opção “sim”.

Para identificação dos conhecimentos sobre aspectos biológicos da sexualidade e reprodução optou-se por questões abertas solicitando aos alunos que representassem os aparelhos reprodutores e a fecundação num espaço em branco e pedindo-lhe para traçarem o período fértil e a ovulação num gráfico horizontal representando um ciclo de 28 dias.

O questionário foi aplicado a todas as turmas de 9º ano de escolaridade de uma escola de 2º e 3º Ciclo de Ensino Básico, no 3º período do ano lectivo de 2008/2009, sendo por isso alunos no final do ensino básico. A amostra foi constituída de 188 alunos, sendo 94 do sexo feminino e 94 do sexo masculino, com média de idades de 14,47 anos.

Os dados obtidos com o questionário foram codificados e introduzidos numa base de dados, com recurso ao programa SPSS. Para as questões fechadas foi feita uma análise descritiva de todas as variáveis correspondentes e para verificar a existência de diferenças significativas entre os sexos aplicou-se o teste *t* de Student, definindo-se o nível de significância em 0,050. Os dados das questões abertas foram categorizados, tendo-se posteriormente codificado as categorias para as introduzir na base de dados e procedendo-se também à sua análise descritiva.

## RESULTADOS

### *Comunicação sobre sexualidade*

Os dados relativos à comunicação que os adolescentes estabelecem com várias pessoas com quem se relacionam acerca da sexualidade indicam baixos níveis de diálogo. Os interlocutores privilegiados são os amigos e o tema sobre o qual mais tendem a conversar é precisamente *amigos*. Pelo contrário, o tópico sobre o qual menos comunicam é *início da actividade sexual*, sendo o pai e outro adulto os interlocutores menos pretendidos para dialogar e mais uma vez os amigos são os eleitos. A tabela 1 apresenta os valores médios obtidos para cada tema e interlocutor assim como as diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

**Tabela 1:** Diferenças entre sexos para Comunicação (Médias e Teste *t* de Student).

	Pai	Mãe	Irmã(o)	Amigo (a)	Outro Adulto
<i>Namorados</i>					
Feminino	1,55	2,24	2,28	3,47	1,71
Masculino	1,79	1,98	2,01	2,96	1,43
<i>p</i>	NS	NS	NS	0,000	0,035
<i>Amigos</i>					
Feminino	2,81	2,31	3,01	3,64	2,15
Masculino	2,60	2,79	2,50	3,41	1,93
<i>p</i>	NS	0,000	0,001	0,036	NS
<i>Preocupações pessoais</i>					
Feminino	2,26	2,94	2,45	3,19	1,79
Masculino	2,38	2,69	2,12	2,86	1,67
<i>p</i>	NS	NS	NS	0,018	NS
<i>Preocupações face à sexualidade</i>					
Feminino	1,67	2,54	1,90	2,73	1,49
Masculino	1,95	2,17	1,81	2,58	1,38
<i>p</i>	0,048	0,021	NS	NS	NS
<i>Transformações corporais</i>					
Feminino	1,58	3,04	2,01	2,68	1,36
Masculino	1,95	2,02	1,75	2,25	1,35
<i>p</i>	0,007	0,000	NS	0,005	NS
<i>Início da actividade sexual</i>					
Feminino	1,35	1,84	1,55	2,09	1,26
Masculino	1,55	1,57	1,60	2,17	1,29
<i>p</i>	NS	NS	NS	NS	NS

NS = não significativo; *p* = nível de significância (0,05)

### ***Proximidade com os pais***

No que respeita à proximidade que os adolescentes sentem para com os seus pais, constata-se uma harmonia e satisfação no seu relacionamento, considerando os adolescentes que confiam nos pais, dão-se bem, obedecem e julgam ser motivo de orgulho para os pais, sentem-se bastantes próximos e tratados com justiça. Também encontram disponibilidade para dialogar sobre sexualidade, embora aqui os valores médios comecem a ser mais baixos, para decrescerem ainda mais quando se trata de contar com os pais para os ajudarem a resolver problemas de sexualidade (Tabela 2). Para esta variável não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os sexos.

**Tabela 2:** Diferenças entre sexos para *Proximidade* (Médias e Teste *t* de Student).

	Feminino (M)	Masculino (M)
Os meus pais confiam em mim para fazer o que eles esperam sem terem necessidade de me vigiar	3,62	3,49
Eu sei porque devo fazer o que os meus pais me mandam	3,33	3,27
Eu conto com os meus pais para me ajudarem a resolver os meus problemas relativos à sexualidade	2,69	2,55
Dou-me bem com os meus pais	3,65	3,69
Eu penso que serei, no futuro, uma fonte (motivo) de orgulho para os meus pais	3,48	3,29
Os meus pais tratam-me de forma justa	3,37	3,33
Os meus pais estão sempre disponíveis para falar comigo sobre sexualidade	3,01	3,14
Sinto-me muito chegado/a aos meus pais	3,28	3,25

M = média

### ***Conflito com os pais***

A análise dos dados obtidos para a variável conflito reforçam a validade dos encontrados para a variável proximidade na medida em que os níveis de conflito tendem a ser baixos, o que mais uma vez aponta para a harmonia nas relações entre os adolescentes e os seus pais. O motivo de maior conflito relaciona-se com as notas obtidas na escola, onde os rapazes têm significativamente mais conflitos com os pais do que as raparigas. Estas, por sua vez experimentam mais conflitos com os seus progenitores quando se trata dos namoros, diferindo aqui significativamente dos rapazes, como se pode observar na tabela 3.

**Tabela 3:** Diferenças entre sexos para *Conflito* (Médias e Teste *t* de Student)

	Feminino (M)	Masculino (M)	<i>p</i>
Quanto à escolha dos amigos	1,43	1,55	NS
Por querer sair à noite	2,56	2,38	NS
Não concordar com as ideias dos pais sobre sexualidade	1,77	1,84	NS
Pais não concordarem com as suas ideias sobre sexualidade	1,90	1,90	NS
Em relação aos namoros	2,10	1,59	0,001
Em relação ao tempo dedicado ao estudo	2,71	2,96	NS
Pelas notas obtidas na escola	3,04	3,38	0,047
Pelo modo de vestir	1,77	1,96	NS
Por não obedecer às regras	2,68	2,69	NS
Em relação aos lugares que frequenta	1,99	2,12	NS

### ***Tomada de decisão***

No respeitante à percepção que os adolescentes têm sobre as suas decisões verificou-se que os mesmos expressam menor sentido de autonomia para as questões relacionadas com as saídas de casa, quer no que respeita aos horários de saídas para festas quer em relação às férias. Encontraram-se diferenças significativas entre rapazes e raparigas quanto a até que horas podem ficar fora numa festa, se pode namorar, com quem pode namorar e com quem pode passar as férias, revelando sempre as raparigas menor autonomia do que os rapazes (Tabela 4).

**Tabela 4:** Diferenças entre sexos para *Tomada de decisão* (Médias e Teste *t* de Student)

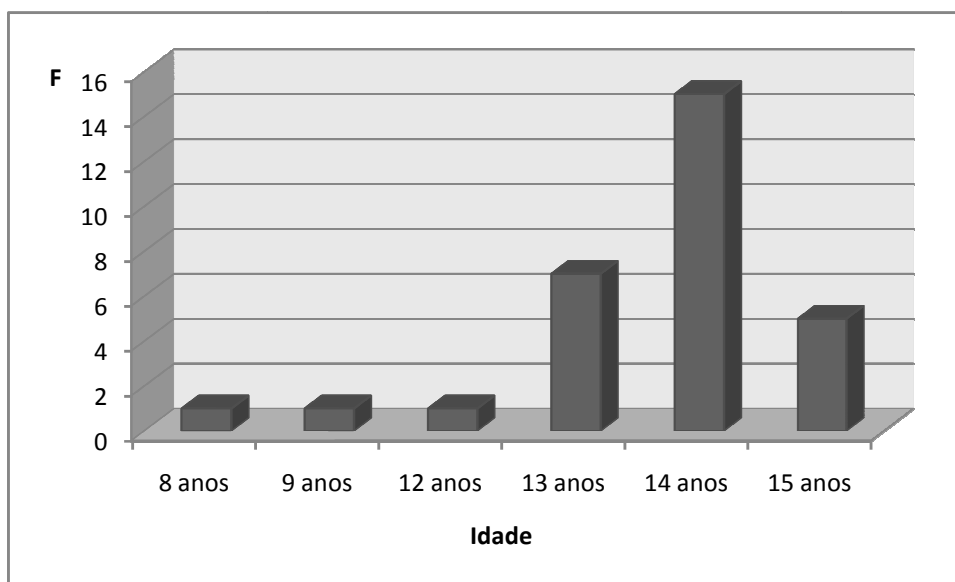
	Feminino (M)	Masculino (M)	<i>p</i>
Até que horas pode ficar fora numa festa	2,97	3,65	0,003
A que horas vai para a cama à noite	4,47	4,37	NS
Com que amigos pode sair	4,53	4,53	NS
Se pode namorar	4,26	4,87	0,000
Com quem pode namorar	4,72	4,91	0,048
Onde pode passar as férias	2,92	3,08	NS
Com quem pode passar as férias	3,15	3,63	0,021
Tipo de roupa que pode comprar	4,73	4,72	NS

### ***Comportamentos sexuais***

Relativamente aos comportamentos sexuais destes adolescentes, quanto ao *início da actividade sexual* 31 afirmaram ser já sexualmente activos (10 raparigas e 21 rapazes), o que corresponde a 16,7% da amostra, enquanto 131 assinalaram que não (70,4%) e 24 não quiseram responder a esta questão, pelo que ficou assim uma margem de incerteza para 12,9% dos jovens acerca dos quais não conseguimos averiguar este comportamento sexual.



Quanto à *idade de início da actividade sexual* (Figura 1), verificou-se que 15 adolescentes (50% dos sexualmente activos) afirmaram ter iniciado aos 14 anos. A idade de 8, 9 e 12 anos foi referida por 1 adolescente, sendo todos rapazes. A idade de 13 anos foi referida por 7 (3 raparigas e 4 rapazes), 14 anos por 15 (4 raparigas e 11 rapazes) e 15 anos por 5 (3 raparigas e 2 rapazes).



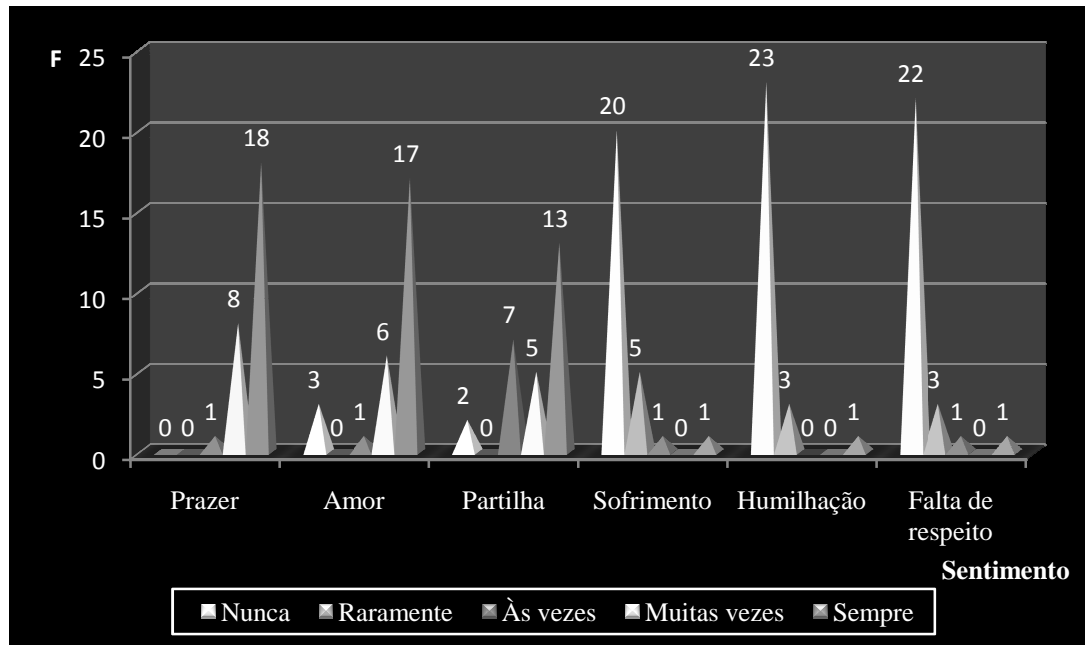
**Figura 1:** Idade de Início da primeira relação sexual.

Quando questionados sobre a *idade do parceiro com quem iniciaram a actividade sexual*, 15 adolescentes afirmaram ter sido com alguém da mesma idade (4 do sexo feminino e 11 do sexo masculino), enquanto 10 disseram ter sido com uma pessoa mais velha (4 do sexo feminino e 6 do sexo masculino) e 2 com uma pessoa mais nova (ambos de sexo masculino).

Para o *motivo da primeira relação sexual* 15 adolescentes expressaram que foi por estarem muito apaixonados (sete raparigas e oito rapazes), 7 por curiosidade (todos rapazes), 5 por incapacidade de dizer não (duas raparigas e três rapazes), 3 por ter sido muito forçado (duas raparigas e um rapaz) e 1 porque os amigos também já tinham relações sexuais (rapaz).

Ao serem questionados sobre os *sentimentos experienciados nas relações sexuais* (Figura 2) a maioria dos respondentes assinalou mais frequentemente os sentimentos positivos de prazer, amor e partilha, verificando-se que para os sentimentos negativos de sofrimento, humilhação e falta de respeito a maior parte escolheu a opção nunca. Em

todos os sentimentos os rapazes revelaram valores médios superiores aos das raparigas. Porém, a dimensão da amostra não permite estabelecer diferenças significativas entre os sexos.

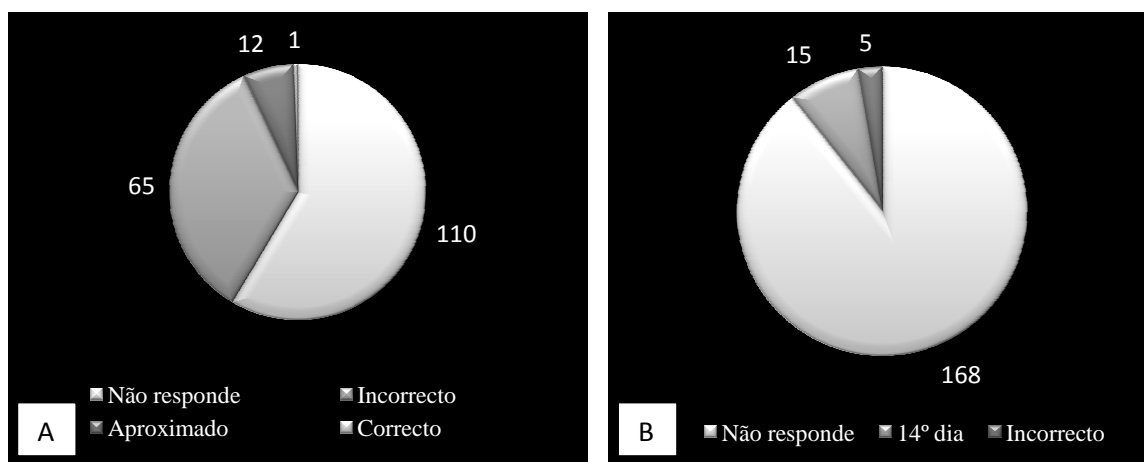


**Figura 2:** Sentimento experienciado nas relações sexuais.

Em resposta à questão “Já usaste algum método de *contracepção*?”, 28 adolescentes (10 do sexo feminino e 18 do sexo masculino) responderam afirmativamente, sendo o preservativo o mais referido quando se perguntava qual.

### ***Conhecimento de processos biológicos de sexualidade e reprodução***

A avaliação dos conhecimentos dos adolescentes da amostra acerca dos processos biológicos de saúde sexual e reprodutiva revelou que são muitos poucos os que têm conhecimento preciso do período fértil: apenas 1 adolescente esboçou correctamente esta fase do ciclo reprodutivo e 12 fizeram uma representação aproximada. Relativamente à ovulação, constatou-se uma maior frequência (15) de respostas cientificamente aceites do que para o período fértil, embora continue a ser uma percentagem muito baixa da amostra (8%), como se pode constatar nos gráficos da figura 3.



**Figura 3:** Conhecimento acerca do Período Fértil (A) e da Ovulação (B).

Tendo-lhes sido solicitado também uma representação dos *aparelhos reprodutores* e da *fecundação*, mais de 50 % da amostra não o fizeram. Das respostas obtidas, pela análise e categorização dos desenhos esquemáticos traçados verificou-se que: a representação mais detalhada do aparelho reprodutor feminino incluiu a sequência de órgãos “ovário, trompa, útero, vagina”, tendo sido representada por apenas 24,7% dos adolescentes (raparigas e rapazes); a representação mais complexa do aparelho reprodutor masculino incluiu a sequência de órgãos categorizada como “pénis, testículos, uretra, outros” e foi representada por apenas 2,7% dos jovens; a fecundação foi representada predominantemente de uma forma descontextualizada, localizando-se na trompa de Falópio em apenas 4,8 % dos desenhos, havendo ainda alunos que a representaram no ovário (4), no útero (3) e na vagina (2).

## DISCUSSÃO

Os dados obtidos nesta amostra, em final de ensino básico ou a meio da adolescência, apontam para baixos níveis de comunicação sobre sexualidade, apesar da satisfação com o contexto familiar (onde o conflito é baixo e há proximidade entre pais e filhos) o que continua de acordo com dados que já obtivemos com amostras abrangendo sujeitos do início ao fim da adolescência (Anastácio, 2001). A escassez de diálogo acerca de questões sexuais, sobretudo com os progenitores, também encontra confirmação na literatura. Por exemplo, a investigação de Youniss e Smollar (1985) com adolescentes dos 12 aos 19 anos, verificou a rara comunicação com o pai em matéria de sexualidade, sendo ainda menor com a rapariga do que com o rapaz. Os dados desta amostra apontam

no mesmo sentido, sendo as diferenças entre rapazes e raparigas estatisticamente significativas quando se trata de abordar as *preocupações face à sexualidade* e as *transformações corporais*. Neste último tema a mãe é a interlocutora preferida, sendo também este o assunto que as jovens mais falam com ela, diferindo aí significativamente dos rapazes. Tal dado sugere-nos que, dada a inevitabilidade das transformações corporais e todas as preocupações e cuidados que o novo corpo sexuado implica, as adolescentes discutem este assunto com uma pessoa que lhe é bastante próxima e que passou pela mesma experiência. Por outro lado, se pensarmos que a conversa pode ser despoletada pela mãe, podemos interpretar que seja esta a ter a iniciativa de preparar a sua filha para melhor aceitar as transformações do corpo e ao mesmo tempo prepará-la no sentido de prevenir os riscos associados ao comportamento impulsionado pelo corpo sexuado.

O tópico sobre o qual os adolescentes menos comunicam é sobre o *início da actividade sexual*. Embora seja com os amigos que mais conversam, mesmo nesse relacionamento é o assunto menos debatido. O início da actividade sexual, em circunstâncias saudáveis pressupõe uma relação de intimidade e falar sobre isso com outros pode quebrar a intimidade. Além disto, pode também acontecer que ao falar do assunto com outros, adultos ou pares, o adolescente considere que se esteja a expor ao julgamento de quem o ouve e opte por não o fazer. Mas acima de tudo, as relações sexuais raramente são tema de que cada interveniente fale abertamente. E entendemo-lo sobretudo pelo carácter de intimidade. Na questão que colocámos sobre se já tinham iniciado a actividade sexual, embora sendo facultativa, houve jovens que escreveram que isso não era coisa que se perguntasse. Portanto, se se retraem ao fazê-lo assinalando apenas “sim” ou “não” com um X em anonimato, muito mais se inibem de o fazer quando alguém os observa e pode julgar.

A nossa amostra revela uma baixa percentagem de adolescentes sexualmente activos no final do ensino básico – 16,7%. Tal dado está em consonância com os dados de outros estudos. Quando o Global Sex Survey (2005) aponta 16,9 anos como a idade média das relações sexuais para os portugueses, então este dado coincide com uma baixa percentagem que início das relações sexuais antes dos 15 ou 16 anos. O resultado dá-nos uma perspectiva positiva da vivência da sexualidade, sobretudo se o conjugarmos com o facto de cerca de metade dos que já se iniciaram o terem feito com alguém da sua idade, o que significa uma partilha de emoções e intimidade mais igualitária por se encontrarem em fases desenvolvimentais próximas. Acresce ainda que o motivo da

primeira relação sexual é positivo para a maioria: por estar  *muito apaixonado/a*, o principal motivo e que vai ao encontro da ideia de Fisher (2008) de que a energia das emoções impulsiona para as primeiras experiências sexuais; ou por  *curiosidade*, que denota o sentido de descoberta e se inclui na perspectiva das competências sexuais aquando da primeira relação sexual definidas por Wellings (2001). No entanto, não são de descurar aqueles casos, embora poucos, de adolescentes que se sentiram forçados a ter a primeira relação sexual. Se foi com alguém da mesma idade, estamos perante a pressão dos pares e para tal é necessário que a educação sexual trabalhe as competências de resistir à pressão dos pares, de negociação e de comunicação, ou até de pedido de auxílio, sobretudo se se tratar de situações de abuso e violência sexual.

Os dados apontam ainda para uma perspectiva saudável da sexualidade quando os sentimentos positivos associados às relações sexuais superam os sentimentos negativos. Os sentimentos negativos tendem a associar-se também a motivos negativos, pois o adolescente que aponta ter sido muito forçado assinala sempre sentimento de humilhação, sofrimento e falta de respeito. Contudo, só uma amostra bastante mais alargada nos poderá clarificar estes dados.

Relativamente ao conhecimento da componente biológica, os resultados sugerem baixo conhecimento do período fértil e da ovulação, o que pode ser interpretado como um factor de risco para a gravidez adolescente. Porém, como quase todos os que já se iniciaram sexualmente usaram contracepção, este comportamento tende a colmatar o risco da falta de conhecimento científico. As representações dos aparelhos com pouco detalhe dos órgãos e ocultando os de prazer reflectem a perpetuação das representações veiculadas pelos manuais escolares (Alves et al., 2007) sem considerar a perspectiva de prazer da sexualidade, a qual representa mais dificuldades de abordagem para os professores do que a reprodutora (Anastácio, 2007). As representações da fecundação – essencialmente descontextualizada e não na trompa – parecem reflectir não só a escassez de conhecimentos de fisiologia, como também a falta de envolvência afectiva e relacional. Estes dados sugerem-nos que a educação sexual não se tem reduzido à componente biológica, como muitas vezes se critica (GTES, 2005; Pelège & Picod, 2006) nem tão pouco tem integrado todas as dimensões que a sexualidade abarca. Mesmo assim, a maioria dos adolescentes vai desenvolvendo competências para a sexualidade saudável, transpondo-as provavelmente de outros aspectos da vida, como denota a variável tomada de decisão. Os menos capacitados poderão ser aqueles cujo contexto sócio-familiar ameaça o relacionamento equilibrado, é gerador de conflito,

dificulta a autonomia e, conseqüentemente, conduz a comportamentos de risco, como pretendemos investigar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, G., Anastácio, Z. & Carvalho, G. (2007). Reprodução humana e sexualidade nos manuais escolares do 1º Ciclo do Ensino Básico. *Revista de Educação*. Vol. XV (1), pp. 21-45.
- Anastácio, Z. (2001). *Educação Sexual: relacionamento entre pais e filhos adolescentes*. Tese de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Anastácio, Z. (2007). Educação Sexual no 1.º CEB: Concepções, Obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não) Consecução. Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Bedin, V. (2009). *Qu'est-ce que L'Adolescence?* Auxerre: Éditions Sciences Humaines.
- Bernard, S. & Clément, P. (2005). L'enseignement de la reproduction et de la sexualité humaine dans les programmes du secondaire, de 1950 à nos jours. Actes des quatrièmes rencontres scientifiques de l'ARDIST. Lyon: INRP.
- Durex, Give and Receive – 2005 Global Sex Survey Results. Acesso: [www.durex.com](http://www.durex.com).
- Fisher, H. (2008). *Porque Amamos: a natureza e a química do amor romântico*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gagnon, J & Simon, W (1973). *Sexual conduct*. Chicago: Aldine.
- GTES. (2005, Outubro). Relatório preliminar. [online]. Acesso: <http://www.min-edu.pt> (16-11-2005).
- Lopez, F. & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.
- Pelège, P. & Picod, C. (2006). *Éduquer à la sexualité. Un enjeu de société*. Paris: Dunod.
- Reis, M., Ramiro, L., Carvalho, M. & Pereira, S. (2009). A sexualidade, o corpo e os amores. In M. Matos & D. Sampaio (Coords). *Jovens com Saúde – Diálogo com uma geração*
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1999). *Psicologia do Adolescente* (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wellings, K., Nanchahal, K., Macdowall, W., McManus, S., Erens, B. & Mercer, C.(2001). Sexual behaviour in Britain: Early heterosexual experience. *The Lancet* 358, n.º 9296: 1843-50.
- Youniss, J. & Smollar, J. (1985). *Adolescents Relations with Mothers, Fathers and Friends*. Chicago: The University of Chicago Press.